



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

# 05

**NOSSAS ESCRITORAS**

Vol. 2 -No. 3 – Joinville, março de 2017

**ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS**

## Hekademeia Vol. 2, No. 3

### SUMÁRIO

<b>Irmã Clea –</b>	<b>5</b>
<b>Else Santana Brum</b>	
<b>Nelci Seibel – Síntese histórica de S.F do Sul</b>	<b>18</b>
<b>Maria Cristina Dias</b>	
<b>Lucinda Clarita Boehm</b>	
<b>Raquel S. Thiago</b>	
<b>Josette Schwoelk Fontán</b>	

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

**HEKADEMEIA** é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este quinto número de Hekademeia apresenta exclusivamente trabalhos de nossas acadêmicas, uma homenagem a mais que a Academia lhes presta no Mês da Mulher

Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Neste número, produzido especialmente em homenagem a nossas acadêmicas pelo decurso do Dia da Mulher (8 de março), uma acadêmica muito especial, a poeta Josette Maria Schwoelk Fontán assume sua imortalidade literária, através da publicação de sua poesia “O testamento da Lua”. É a primeira vez que isso acontece nas páginas deste Suplemento.

### **Números anteriores de HEKADEMIA:**

HEKADEMEIA 1: Nosso Cronistas – Novembro/2016

HEKADEMEIA 2: Nosso Contistas – Dezembro/2016

HEKADEMEIA 3: Nossos romancistas – Janeiro/2017

HEKADEMEIA 4: Nossos Historiadores – Fevereiro/2017



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos literários como palestras e seminários e os eventos artísticos, os SARAUS da AJL.

## IRMÃ CLEA



Irmã Clea nasceu Irene Judith Fuck, em 21 de outubro de 1926, tendo completado 90 anos de vida ativa e saudável no ano passado.

Aos 20 anos entrou na Congregação da Divina Providência, tomando o nome de Irmã Clea.

Graduou-se bacharel em letras Anglo-germânicas na UFSC e fez a Licenciatura em Curitiba, na PUC.

Em 1967 assumiu a direção do Colégio dos Santos Anjos, em Joinville.

Foi membro do Corpo Docente Fundador (cadeira de latim) da então FURB, hoje Univille. E, em 15 de novembro de 1969, foi uma das fundadoras da Academia Joinvilense de Letras.

A serviço da Congregação e da Igreja, passou os anos de 1975 a 1993 na Alemanha e em Roma. Atualmente vive em Tijucas.

Motivada por momentos especiais de nossa história, publicou três livros: “100 anos de história”, 1995; “Eduardo Michelis – Presbítero, 2005 e “Diário de Eduardo Michelis – edição bilíngue, 2010

## A LIÇÃO DO RIO

Como um rio, assim a vida:  
Na encosta escondida  
Nasceu – pra servir...

Murmúrios da fonte –  
Tão longe o horizonte  
Que é preciso atingir!

O rio vai correndo...  
Será que eu entendo  
O segredo do rio?

Pergunta ele acaso,  
Correndo assim raso,  
A quem foi que serviu?

O campo tem fome...  
Não lhe indaga do nome,  
Lhe dá de beber!

E dando-se passa...  
O rio é uma graça –  
Eu preciso entender!

Se leva consigo  
Obrigados de amigo –  
Isso não o detém!

Os campos o esperam...  
De há muito souberam  
Que o rio aí vem!

E as matas que corta,  
Cidades conforta –  
Não para a sonhar...

Perigos enfrenta...  
Por que ele não tenta  
Fugir, recuar?

Soberba cachoeira –  
Responde altaneira  
Do rio porta-voz:

Se a luta intimida,  
Dá sustos a vida  
No embate feroz,

Lá longe, o oceano,  
Profundo, arcano,  
Aguarda-o em paz!

O rio não pergunta  
Que mérito junta,  
Fazendo o que faz!

## **A Canção das Papoulas**

Rubro punhado de beleza,  
Um sorriso feito flor!  
Extasia-nos os olhos –  
E já deixou de existir!

Imagem do efêmero?  
Gratuidade

De um momento de felicidade!

Que importa que ontem não era?

- Verde cápsula fechada,  
Relicário de um segredo  
Escrito por um dia  
Em quatro pétalas de sangue.

Que importa não reste amanhã

Mais que outra cápsula verde,  
Estou da vaga promessa  
De uma nova floração  
Numa nova primavera?  
- Se a semente subsistir...

O que importa é o presente!

O momento da eclosão!

A um carinho do sol

O meu jardim

Abrindo em rubro sorriso

Seus lábios de carmin.

Em cada papoula a sorrir

Alguém sorrindo pra mim.

Murcha a papoula.

O sorriso nos lábios amigos

Não dura também.

Tudo efêmero?

Não!

Restou a semente

No verde bojo da flor,

Para quando o amanhã  
 For um novo hoje beijado de sol.

Perdura a amizade  
 Que gera o sorriso  
 No dom gratuito de querer bem.

E a lembrança  
     Do que ontem foi –  
 E a esperança  
     Do que  
 ! será amanhã –  
     É o eterno agora  
     Cor-de-papoula

## **Mensagem da natureza**

Eu leio num livro imenso  
 Histórias, romances sem par.  
 Folheio esse livro e penso:  
 - Quem pode a tal ponto amar?

Eu vejo uma tela imensa  
 Que encanta e embevece o olhar.  
 Minha alma a contempla e pensa:  
 - Tais cores, quem pôde idear?

Eu ouço um concerto imenso,  
 Infinda harmonia no ar.  
 Escuto essa orquestra e penso:  
 - O mundo – ei-lo todo a cantar!

O livro que eu leio e medito,

Ó mãe-natureza, é o teu!  
Pois nele um Deus infinito  
Romances de amor escreveu!

A tela sem par que eu contemplo  
- E nela um tracinho eu sou! –  
És tu o painel sem exemplo  
Que a arte de um Deus desenhou!  
    Concerto de infinda harmonia  
    É, mãe-natureza, tua voz!  
    Maestro maior quem seria?  
    Deus mesmo essa peça compôs!

E eu leio, e contemplo, e escuto,  
E seres, e cores, e som  
Me contam em cada minuto  
A história de um Deus grande e bom!

## NELCI SEIBEL



Nelci Seibel é natural de Bom Princípio / RS. Formada em Comunicação Social – Relações Públicas, pela UNISINOS – São Leopoldo / RS, cursou Pós-Graduação em Gramática e Produção de Texto, na UNIVILLE – Joinville / SC.

Em Joinville desde 1980, desenvolveu atividades de Relações Públicas, Cerimonial e Jornalismo em diversas empresas públicas e privadas, além de colunista em veículos de comunicação, assessoria de imprensa e edição de material de promoção turística.

Nelci é autora de diversas obras, com destaque para: “São Francisco do Sul 500 Anos - Construções Históricas”, “Bom Princípio Construções Históricas”, “História do Porto de São Francisco do Sul”, “Personalidades da Cultura Germânica em Joinville”, “O Balaio Gigante”, entre outras.

Recebeu troféus e comendas em reconhecimento ao seu empenho em favor do turismo. Foi apresentadora de programa de Turismo na TV Cidade Canal 20 e publica colunas em vários jornais, impressos e online.

Nelci é membro da SCAJ - Sociedade Cultural Alemã de Joinville, da ALASFS - Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da AJL – Academia Joinvilense de Letras e de outras entidades.

## HISTÓRIAS PITORESCAS DE SÃO FRANCISCO DO SUL

### O naufrágio da barca Francisca

Naufrágios fazem parte da história desde que o homem inventou a embarcação como meio de locomoção e de conquista de novos espaços. Por avarias, acidentes naturais ou afundamentos programados por inimigos de guerra, o fato é que os mares mais navegados são também os maiores cemitérios de navios naufragados.

Segundo registros, a costa catarinense abriga mais de cento e sessenta embarcações naufragadas, nacionais e internacionais, várias delas nas proximidades de São Francisco do Sul.<sup>1</sup> Um dos naufrágios que ficou na história foi o da barca *Francisca*, que partira do porto de Hamburgo, Alemanha, em 20 de julho de 1958, chegando a São Francisco do Sul em 21 de setembro daquele ano. Ao adentrar a barra, a *Francisca* encalhou num banco de areia do Sumidouro e em seguida afundou. Além da tripulação, havia a bordo quarenta e nove passageiros, imigrantes, cujo sonho era iniciar nova vida na Colônia Dona Francisca.

Somente três dos passageiros morreram afogados. Os demais foram salvos, graças ao empenho e à coragem de alguns deles, que conseguiram estender um cabo, da embarcação até a terra, por onde os passageiros se deslocaram até o solo firme,

uma vez que as âncoras de emergência e os botes de salvamento também foram inutilizados pela fúria das águas.

Um dos companheiros solidários foi Johann Otto Ludwig Niemeyer [conhecido como Louis], jovem engenheiro e tenente da Armada de Hannover que, alguns anos antes viera conhecer a Colônia, e nessa viagem trouxera seus sonhos e projetos de vida que pretendia desenvolver na nova terra. Porém, pelas repetidas vezes que Niemeyer entrou e saiu do mar gelado para salvar passageiros, contraiu uma doença que o levou à morte aos quarenta e oito anos. Sua curta permanência neste mundo foi o bastante para ser reconhecido pelos seus feitos na Colônia Dona Francisca, da qual foi diretor.<sup>2</sup> Entre outras homenagens, sua memória foi perpetuada através do nome de uma rua, hoje rua Luís Niemeyer, onde se situa o *Palacete Niemeyer* [Banco do Brasil], que foi a residência do engenheiro.<sup>3</sup>

O naufrágio da barca *Francisca* nunca foi bem esclarecido, até que o Arquivo Histórico de Joinville obteve a cópia de uma carta escrita por Ida Günter Doerffel, esposa de Ottokar Doerffel [então tesoureiro da Colônia Dona Francisca] à sua sogra residente na Alemanha, logo após o acidente. Traduzida pela historiadora Elly Herkenhoff mais de um século depois, a carta trouxe à tona detalhes sobre o trágico acontecimento no mar. Na carta Ida relata que

a embarcação, além da volumosa bagagem dos passageiros trazia grande quantidade de carga destinada à cidade de Batávia, na Ilha de Java. A

tragédia aconteceu à noitinha e os sobreviventes tiveram que passar a noite à beira mar, em meio a vegetação hostil, de ananases com espinhos cortantes. No dia seguinte, cacos da barca, caixões, vestidos, móveis, objetos de decoração boiavam sobre as ondas. Até dois pianos [um de cauda] estavam semienterrados na areia. Nas encomendas para a Batávia encontravam-se caixas com tecidos, couros, além de trezentas caixas de vinho. Os moradores das proximidades, sob o controle da Guarda Municipal de São Francisco, por vários dias “pescavam” objetos trazidos até a orla pelas águas. “Mas os camaradas estavam constantemente bêbados, ingerindo o vinho transportado pela embarcação sinistrada”.

Ida Doerffel conta em sua missiva que

o senhor Niemeyer, que aqui esteve há alguns anos e voltava nesse navio, trazia mais de trezentas caixas de objetos diversos, em parte para uso próprio e em parte para muitas outras pessoas. “O mais lamentável é um prelo completo, cuja perda é particularmente dolorosa para o meu marido”, referindo-se ao maquinário encomendado por Doerffel para instalar um jornal impresso na Colônia. A perda do equipamento atrasou o lançamento do primeiro periódico impresso na

região o *Kolonie-Zeitung*, que aconteceu somente em janeiro de 1863.<sup>4</sup>

A história do naufrágio da barca Francisca permanece na memória de francisquenses e joinvilenses, contada de geração para geração como uma das maiores tragédias da época. Segundo a tradição oral, os passageiros eram de nível econômico privilegiado pela bagagem que traziam, toda ela tragada pelo mar..

### **O meteorito “Santa Catarina”**

Não fosse a divulgação no jornal *O Município*, de uma reportagem sobre o trabalho do estudioso francisquense Beneval de Oliveira, *Geologia, Petrologia e Geomorfologia da Ilha de São Francisco do Sul*, provavelmente não entraria na história do Porto de São Francisco do Sul a exportação de nada menos que vinte e cinco toneladas de metal proveniente de um meteorito, no final do século XIX.

Poucas pessoas tinham conhecimento da queda de um meteorito em solo francisquense, até lerem a respeito no jornal *O Município*, de 14 de janeiro de 1961. A pesquisa realizada por Beneval de Oliveira atesta a existência de material meteórico na região, do qual pequenas amostragens constariam do mostruário da Divisão de Mineralogia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

No seu estudo Beneval menciona o artigo *Notas sobre Meteoritos Brasileiros*, do geólogo e paleontólogo Orville Derby, publicado na revista *Observatório* do Rio de Janeiro de 1888. Este anunciava a descoberta do meteorito em São Francisco, atribuída a Manoel Gonçalves da Rosa, no ano de 1875. Em seu comentário admira-se o autor do artigo, do incrível desconhecimento da população local, sobre a existência desse inusitado fenômeno nas proximidades do centro da cidade.

Manoel Gonçalves da Rosa, ao descobrir o que julgava tratar-se de uma mina de ferro, teria requerido a concessão e enviado amostras para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde foram analisadas em 1876, pelos professores Gagnet, Damour e Osório de Almeida. Dada a importância do material, os cientistas publicaram uma notícia a respeito nos *Comtes Rendus* [publicações científicas] de 1876.

Porém, o concessionário da mina, sem esperar o reconhecimento do material e o grande interesse científico a respeito, explorou o suposto depósito de ferro até o total esgotamento. Retirava o minério em blocos e o quebrava em partes menores para facilitar o deslocamento. Registrou que o bloco maior chegou a pesar 2.250 quilos. O próprio Rosa teria informado aos cientistas de que no livro da Mesa de Rendas de São Francisco do Sul constaria o registro da exportação de vinte e cinco mil quilos do metal para a Inglaterra, através do Porto de São Francisco. Vendido como ferro, porém pela dureza do minério constatou-se ser níquel puro, cuja fundição só foi possível com o emprego de energia nuclear.

Para Orville Derby era importante que o Museu de Mineralogia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro tivesse maior conhecimento sobre a topologia e geologia do local em que teria caído o meteorito. Assim, em 1884 enviou a São Francisco do Sul o cientista Luis Felipe Gonzaga de Campos para uma minuciosa busca de informações e provas sobre o fato.

No seu relatório, divulgado na revista *Observatório* em maio de 1888, Campos revela que o sítio em que foram encontrados os fragmentos de ferro – batizado de *Morro da Mina* pela população local, em função do enorme buraco causado pela queda do meteorito -, situa-se a quatro mil e duzentos metros distante do centro de São Francisco do Sul, na localidade conhecida como Rocio, na encosta de uma elevação de cinquenta e oito metros, próximo a um córrego que desagua na Baía da Babitonga. O cientista encontrou fragmentos ferro-niquelíferos a três metros de profundidade e já alterados pelo tempo, com elementos de granito aderidos à sua massa.

As conclusões de Campos definem a natureza geológica local como *gnaise-granítica, sem um aforamento de racha básica que servisse de orientação*, tese confirmada por pesquisas posteriores. O solo de todos os morros existentes na região do Rocio Grande, afora pequenas variações, tem essa composição mineral. Endossando as impressões do cientista, Beneval de Oliveira conclui que os fragmentos ferro-niquelíferos encontrados têm realmente origem sideral, portanto, são resultantes de autêntico meteorito.<sup>5</sup>

As amostragens do meteorito, mais tarde denominado de *Santa Catarina*, não só estariam presentes na Divisão de Mineralogia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro como figuraria nas principais coleções de meteoritos do mundo. Um dos primeiros a apresentar trabalhos sobre o “Santa Catarina”, teria sido o próprio Imperador Dom Pedro II, na Academia de Ciências de Paris. E, em vista da importância dada àquela descoberta, o Imperador, a partir de então, tornou-se membro e correspondente daquela instituição de pesquisas científicas.<sup>6</sup>

### **Cartolas e gentlemen**

São Francisco do Sul, desde a sua fundação contava entre seus habitantes com pessoas oriundas de outros países que, ao lado da elite local se sobressaíam pela sua cultura, educação, cavalheirismo e forma de trajar. Um deles foi Roland O’Neill Addison, imigrante inglês na primeira década do século XX, que fixou residência na cidade.

Conhecido como Mr. Addison, era proprietário da Agência de Despachos Marítimos Addison e representava várias armadoras britânicas. Entre estas a Booth Steamship Co. de Liverpool, que a partir de 1919 instalou uma linha regular de vapores, a cada seis semanas. O primeiro navio da companhia foi o *Dominic*, que fazia escalas em vários portos brasileiros para troca de cargas.<sup>7</sup>

Mr. Addison destacava-se dos demais cavalheiros da época pelo seu porte conservador e principalmente pelo impecável

terno de linho branco, complementado com um alinhado chapéu *panamá*.

Por volta de 1912, a figura singular de Mr. Addison passou por uma transformação quando foi nomeado Vice-Cônsul da Inglaterra, função que desempenharia por mais de quarenta anos. Ao assumir o posto diplomático, o sisudo inglês passou a adotar um novo estilo de vestir. A partir de então o seu figurino constava de calça preta listrada, fraque e colete pretos de casimira, camisa branca de colarinho engomado e para completar, gravata borboleta preta, cartola e bengala.

Respeitos e mesuras a parte, decorrentes de sua origem e função diplomática, Mr. Addison possuía também alguns desafetos na cidade. Um deles era o alemão Bernardo João Truppel, que atribuía, mesmo que de forma indireta, ao cônsul inglês a responsabilidade de sua empresa haver sido inserida na *lista negra* durante a Primeira Guerra Mundial, um ato de pressão por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos, contra centenas de companhias marítimas no mundo, para impedir o abastecimento dos países do Eixo.

O clima de mal-estar entre os dois senhores era de conhecimento dos moradores, que lhes observavam as reações, quando estes cruzavam seus caminhos nas ruas de São Francisco. “Eles vão se agredir com a bengala”, ouvia-se dos que faziam tempo pelas esquinas. Porém Addison e Truppel, apesar da inimizade ideológica mantinham a postura, comportando-se como perfeitos *gentlemen*. Limitavam-se a

levantar a cartola, gesto seguido de um reverente e bem posto cumprimento, como convinha à sua posição de cavalheiros.<sup>8</sup>

**(Do livro “História do Porto de São Francisco do Sul,  
publicado em 2005)**

1. Site [www.naufragios.com.br/scatarina\\_mdf.htm](http://www.naufragios.com.br/scatarina_mdf.htm).  
Acessado em 17.11.2005.
2. HERKENHOFF, Elly. Era uma vez um simples caminho...Fragmentos da História de Joinville. Fundação Cultural de Joinville, 1987. p. 127/130.
3. BÖBEL, Maria Thereza e S. THIAGO, Raquel. Os Pioneiros I – Documento e História 1851-1866. Joinville: Univille. p. 309
4. HERKENHOFF, Elly. op. Cit. P. 127/130.
5. O MUNICÍPIO: São Francisco do Sul, 14 de janeiro de 1961.
6. <http://www.csfs.sc.gov.br/vereadores/historia.htm>.
7. ADDISON, Harry. Depoimento [1.7.2005]. Entrevista concedida a Nelci Seibel.
8. OZÓRIO, Jucemar. Depoimento [1.7.2005]. Entrevista concedida a Nelci Seibel.

## ELSE SANTANA BRUM



Else Sant'Anna Brum nasceu em Joinville no dia 15 de agosto de 1936. Trabalhou como bancária durante 15 anos, mas finalmente seguiu sua vocação maior: o magistério, onde atuou durante 25 anos como professora alfabetizadora, e como diretora de escola. Já aposentada trabalhou como professora de Música.

Formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na FURJ-Joinville, atualmente chamada Univille. Também é pós graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Vencendo em 1986 um concurso de histórias para a infância promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, teve publicado seu primeiro livro "Miguelito Pirulito". Depois publicou 'Cri-Cró' (1992) e "Retetê" (1994) e "Serelepe" (1996). De 2006 até 2012, publicou mensalmente histórias no Jornal "A Notícia. Tem também um livro de poemas, "Hóspedes do Coração".

Tomou posse na Academia Joinvilense de Letras em março de 2016. De seu casamento com o jornalista Homero Mazarem Brum, já falecido, teve uma filha, que lhe deu dois netos.

## POEMAS

### **PROMESSA**

Eu vou buscar o sol  
E tendo-o comigo,  
Caminharei contigo  
E a tua estrada enchei de luz.  
Não tenhas medo  
A noite será clara  
Porque da mesma forma  
Buscarei a lua  
E então caminharás no brilho do luar!  
Quero que sintas no calor do sol  
Minha ternura imensa;  
Na luz suave e doce do luar  
O meu carinho;  
E, a cada passo hás de encontrar estrelas  
Marcando meu amor em teu caminho!

### **MINHA RIMA**

Quero minha rima certa  
Nos acertos do amor.  
Sem esquecer que há dor,  
Sem esquecer que o poeta  
Precisa ver longe e perto  
Ver o errado e o certo  
Combater e bater palmas.

Quero minha rima feita  
De carinho, de ternura  
De sorrisos de esperança  
E de sonhos de criança  
Que espera um mundo irmão,  
De iguais oportunidades  
E de direitos iguais.

Que minha rima pronta  
Quando o coração cantar,  
Quando minh'alma chorar  
Em qualquer dos dias meus.  
Mas quero em todo o meu canto  
De alegria ou de pranto  
A maior rima que é DEUS!

## **JOÃO DE BARRO**

Levando barro no bico  
Pra fazer sua casinha  
O João-de-barro trabalha  
Desde manhã à noitinha.

É muito amigo do homem  
Pois, não raro, faz seu ninho  
Nos beirais de sua casa  
Para ficar bem pertinho.

Quase sempre escolhe os postes  
Pra assentar sua morada.  
Seu canto bem ritmado  
Parece uma gargalhada.

Este pássaro alegre  
Dá lições de bem viver,  
Pois a sua companheira  
Ele só deixa ao morrer.

### **SER FELIZ**

Ser feliz é viver como criança.  
Confiante, sorrindo nos braços de alguém.  
É ter a alma cheia de esperança  
É saber perdoar e saber querer bem.

Ser feliz é sofrer com paciência.  
Tendo um sorriso para cada dor.  
É deixar que a alma goze a doce influência  
De um perfumado e verdadeiro amor.

Ser feliz é trazer no coração  
Embora nos momentos de tristeza  
Em murmúrio suave uma canção.

É ter uma alma pura que a Deus bendiz,  
É criar ao seu redor pela bondade  
Um céu na terra. Isto é ser feliz!

**A CANÇÃO DO RIO**

(Na canção da correnteza do rio, ressoa a alegre certeza de que um dia será oceano) Tagore.

Vens cantando um canto antigo,  
Oh! Rio amigo,  
Que aprendeste no sertão...  
Vens cantando o mesmo canto  
Que com suave e doce encanto,  
Cantam também teus irmãos!

Essa música divina  
Que se evola em surdina  
Do teu nobre coração,  
Espalha-se com clareza  
Invadindo a natureza,  
Numa singela canção.  
Nós te amamos, rio amigo,  
E cantaremos contigo  
Os teus hinos, teus cantares...  
Amamos tuas águas claras,  
Teus serpenteios de fadas,  
Em requebros singulares.

Vens cantando de alegria  
Nesta longa romaria,  
Envolvido em teus cismares...  
Corre, não fiques parado  
E vai lançar-te cansado,  
No doce seio dos mares!

## MARIA CRISTINA DIAS



Maria Cristina Dias é jornalista, formada pela Universidade Federal fluminense (UFF/RJ), pós-graduada em Marketing e Comunicação pela FGV/Sociesc e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Univille/Joinville.

Como jornalista, desenvolve um trabalho contínuo de resgate da Memória de Joinville, a partir de entrevistas e pesquisas em fontes primárias, como documentos e periódicos da cidade. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

É autora do livro “Se essas paredes falassem... – Um breve olhar sobre antigas casas que marcaram a construção de Joinville” (2011) e coautora dos livros “Henrique Loyola – Colecionador de Desafios” (2012) e “Uma Década de Evolução do Mercado Imobiliário – Núcleo das Imobiliárias da Acij” (2013).

É produtora e editora das revistas biográficas “Dirce – 80 Anos” (2015), “O corpo que flui... e dança” (2016) e “Minha Infância durante a 2ª Guerra Mundial – Helga de Loyola” (2016).

## UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO

*Feminista, revolucionária, avançada. Julie Engel passou pela Colônia Dona Francisca antes mesmo da fundação oficial, causou polêmica e deixou sua presença marcada no imaginário de uma cidade*



Julie Engel (à direita, de perfil) se definia como livre-pensadora e vivia de uma forma bem diferente das mulheres de sua época. No século 19, a berlinense Julie Engell era dona do próprio nariz. Revolucionária, defendia ideias feministas, escrevia artigos de opinião nos jornais e ousou seguir com um homem que na época ainda não era seu marido para as distantes terras da Colônia Dona Francisca. A ela são atribuídas as primeiras imagens feitas no núcleo colonial e também relatos sobre o local que foram considerados propaganda enganosa nos livros que fazem a crônica dos primeiros tempos de colonização. Uma imagem hoje questionada pelos pesquisadores, que destacam seu atuante papel na luta pelos direitos das mulheres.

Julie Engel chegou à Colônia Dona Francisca em 1850. Acompanhava o engenheiro Hermann Günther, encarregado pela Companhia Colonizadora de Hamburgo de preparar o local para a chegada das primeiras levas de imigrantes. Nomeado ainda em Hamburgo, Günther chegou ao Rio de Janeiro no final de 1849, mas só em maio de 1850 rumou para o Sul do Brasil, segundo consta no livro “A Colônia Dona Francisca no Sul do Brasil”, de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, publicado originalmente em 1853, na Alemanha. Tudo ainda estava por ser construído – e esta era a missão do grupo que contava com o representante dos príncipes e vice-cônsul da França, Léonce Aubé; seu funcionário, o cozinheiro Louis Duvoisin e duas famílias contratadas por Günther para fazer o serviço pesado – ou seja, desbravar a mata, construir os primeiros abrigos, iniciar plantações de alimentos.

A presença de Julie Engel foi inesperada e os relatos sobre sua chegada são contraditórios. Enquanto no livro “História de Joinville – Crônicas da Colônia Dona Francisca, Carlos Ficker informa que ela fazia parte desse primeiro grupo, no livro de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, consta que ela teria chegado apenas em setembro daquele ano, depois que Günther esteve no Rio de Janeiro. “Ocasão em que solicitou da agência da casa Schröder & Cia roupas para um pobre homem que deveria funcionar como seu criado e acompanhá-lo. Mais tarde descobriu-se que esse criado era (...) do sexo feminino e era uma berlinense, de nome Julie Engell”, escreveu, criticando a administração do engenheiro (demitido antes mesmo da chegada dos primeiros imigrantes) e a convivência do casal, que fugia aos padrões da época. “O senhor Günther foi, afinal, um grande fracasso (...) Além desses males que causou, ainda prejudicou o bom nome da Colonização pela imoralidade de sua conduta particular, de sua união toda angelical com Julie Engell”. “O fato de morar com Günther sem se casar, provavelmente por questões ideológicas – porque era livre pensadora –, colocava Julie no rol das amásias, uma posição social desvalorizada naquela época”, explica a jornalista e pesquisadora Izabela Liz Schindwein, que enfocou trajetória da feminista em sua dissertação de mestrado e aprofundou os estudos no doutorado.

No livro de Rodowicz a ela é atribuída “relatórios róseos” e as “excelentes gravuras publicadas no 'Leipziger Illustrierte Zeitung'”, que teriam iludido centenas de imigrantes, estimulando-os a tentar a vida no distante Sul do Brasil sem levar em conta as inúmeras dificuldades desta iniciativa. Ele refere-se a duas imagens das primeiras casas da Colônia, que foram usadas como instrumento de propaganda pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo e divulgadas na Europa.

### **O mito da propaganda enganosa**

A chamada “literatura de viagem”, onde os viajantes descreviam os lugares por onde passavam era uma tendência na época. Os artigos e livros se multiplicavam – a própria publicação de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, um militar prussiano que esteve na colônia de setembro de 1851 a 7 de junho de 1852, era um exemplo disso. Esses escritores, porém, eram homens. “Ainda não encontrei grifado na historiografia brasileira o nome de mulheres que teriam escrito sobre o tema imigração. A partir desta primeira informação, é possível imaginar a repercussão na Alemanha dos textos de Julie Engell-Günther, rompendo com a tradição masculina”, destaca Izabela Liz.

A pesquisadora Elke Dislich, que traduziu para o português livros da jornalista, desmistifica a abordagem de Rodowicz e explica que em seus textos Julie apresenta a colonização por imigrantes como uma solução, sim, mas que não tinha nada de fácil. “Quando se lê o artigo atribuído a Julie Engell e se olham as ilustrações, que foram publicadas no 'Leipziger Illustrierte Zeitung' de 3 de maio de 1851, e que hoje se encontram na Landesbibliothek de Wiesbaden, não é possível perceber nada que justificasse a crítica do ilustre ex-militar. O artigo é absolutamente realista e não deixa de mostrar também as dificuldades que serão enfrentadas pelos colonizadores. O mesmo acontece em todos os outros escritos de Julie Engell-Günther sobre o Brasil”, destaca. E continua: “Mão de obra é o que faltava na região da Colônia Dona Francisca. Tudo era muito caro. Não havia ferramentas adequadas, nem trabalhadores especializados para

derrubar as enormes árvores, cuja madeira a companhia colonizadora pretendia enviar para a Alemanha. Hermann Günther havia sido demitido pelo filho do Senador Schröder, presidente da Companhia Colonizadora Hamburguesa, que assumiu seu lugar, fazendo os investimentos necessários. Em dez anos a colônia já havia evoluído para um logradouro bastante próspero, como mostram fotografias da época. Qual seria, então, a propaganda enganosa contra a colônia?”, questiona.

Izabela, em sua dissertação, ratifica o argumento de Elke. “Julie pode ter sido a primeira pessoa a ter consciência das dificuldades que os imigrantes teriam para transformar a mata fechada em uma paisagem habitável, deixando clara sua preocupação com a divisão de classes que existia na época (...). O tom dos escritos dela nada tem a ver com o paraíso relatado por outros viajantes de épocas anteriores, que mostravam o Brasil como um lugar de seres fantásticos”, afirma.

Embora as pesquisas não explicitem isso, a origem da crítica, poderia estar ligada ao perfil do jornal onde Julie Engell publicou o primeiro artigo sobre a Colônia. “O ‘Leipziger Illustrierte Zeitung’ (‘Jornal Ilustrado de Leipzig’) (...) era um semanário refinado, com papel brilhante e imagens coloridas com reproduções de pinturas, aquarelas e ilustrações. No período da guerra, dava espaço para aspectos das batalhas em grandes . (...) Era conhecido por mostrar cenas da vida atrás das linhas de frente, soldados contentes, como se fossem para um acampamento de férias e não para a guerra.”, escreveu Izabela Liz.

### Ilustração ou fotografia?

A autoria das imagens e se elas eram mesmo gravuras também são questionadas hoje. O próprio Ficker, em seu livro de 1965, já aventava a possibilidade das imagens serem fotografias – e não desenhos. Ele ainda lança a dúvida se elas seriam da própria Julie, ou não. “Não é hipótese quando afirmamos: ‘Existe muita possibilidade de que os originais não eram desenhos e sim fotografias daguerreótipos, invenção recente do francês Daguerre’”, afirma, lembrando que em carta ao imperador dom Pedro 2º, Leónce Aubé

comentava que havia trazido da França um daguerreótipo e prometia enviar “vistas da colônia nova”.

A feminista já poderia ter tido contato com a nova invenção, pois a usou profissionalmente anos mais tarde, quando retornou à Europa com Günther. “O casal, agora com uma união formal, decidiu voltar em 1859 para a Europa. Por dez anos, eles mantiveram um estúdio de fotografia”, revela Izabela, que em seus estudos não encontrou evidências de que Julie fosse uma artista, como muitas vezes foi dito.

Obs.: Esta reportagem foi publicada originalmente no jornal Notícias do Dia/Joinville

## UM OLHAR SOBRE A SOCIEDADE JOINVILENSE NOS ANOS 60

*Com o pseudônimo de Luciene, Lucinda Clarita Boehm escreveu coluna social durante muitos anos e contribuiu para compor o retrato de uma época*

No final dos anos 50, início dos anos 60, Joinville crescia embalada pela força da indústria. Enquanto no centenário da cidade a população era de pouco mais de 42 mil pessoas, em 1964 este número havia duplicado, passando para 87,5 mil habitantes, segundo o relatório de gestão do prefeito Helmut Fallgatter. Era uma nova onda de migração que mudaria o perfil da região nas décadas seguintes.

Para um grupo tradicional, porém, as características de uma cidade pequena ainda eram mantidas. Em sua maior parte descendentes dos primeiros imigrantes que chegaram à Colônia Dona Francisca, eles frequentavam os mesmos lugares, tinham hábitos parecidos, cultivavam os mesmos amigos e, muitas vezes, eram até parentes. Em 1957, uma colunista social começou a escrever para os jornais locais, revelando um pouco da alta sociedade de Joinville. Frequentadora dos salões, ela descrevia modos e costumes de uma geração que cresceu durante a Segunda Guerra, mas vivia um novo período de prosperidade e não se furtava de aproveitar os bons momentos. Com o pseudônimo de “Luciene”, a advogada Lucinda Boehm durante anos exercitou um olhar sobre a sociedade joinvilense, contribuindo para compor o retrato de uma época.

“Luciene” começou a escrever por volta de 1957, 1958, no antigo Jornal de Joinville e depois migrou para A Notícia. Como foi criada ou como desapareceu, nem a própria Lucinda Boehm lembra. “Não sei dizer como me meti nisso”, brinca. O certo é que no começo usava o pseudônimo como uma forma

de preservar a verdadeira identidade. Nascida em 1932, ela tinha cerca de 25 anos, era jovem, bonita e arrojada – até fumava, uma atitude considerada moderna na época. As relações também se modernizavam rapidamente. Enquanto até poucos anos antes, moças e rapazes não sentavam na mesma mesa e se olhavam de longe, na geração de Lucinda a aproximação já era aceita nos bailes. “A minha turma foi uma daquelas que começaram a sentar à mesa com os rapazes. Antes, as moças ficavam esperando na mesa eles chamarem para dançar”, conta.

Lucinda circulava na sociedade joinvilense sem blocos de notas ou caneta. Observava muito, gravava tudo na memória e só depois, em casa, escrevia a crônica social. Assim conseguiu se manter incógnita por algum tempo. “Não anotava nada. Não podia, senão iam me identificar. Meus amigos não sabiam. A memória era boa e eu gravava”, revela ela que foi reconhecida depois de algum tempo. O anonimato era um fato inusitado em uma comunidade em que todo mundo se conhecia. “Joinville, na época, era uma cidade pequena, que tinha os crochês, onde só entrava quem era convidada”.

O pai, Eugênio Boehm, proprietário da já tradicional padaria Brunkow, ao saber da novidade, gostou da iniciativa e elogiou a filha. Mas recomendou que ela escrevesse logo para que os assuntos não perdessem a importância. A cronista, porém, achava que tinha bastante tempo. Ia para casa, escrevia à mão. Só depois datilografava e encaminhava para o jornal.

A coluna tinha o nome de “Vendo... Ouvindo... Comentando...”. E resumia bem o que Luciene fazia. “Ficava a par dos acontecimentos vendo, ouvindo. E depois comentava em uma linguagem voltada para a mulher da época: “Do mais alto bom gosto e riqueza, o Baile das Debutantes de 1959 pode e merece ser classificado como o 'Baile das Notas Altas'. (...) E assim, quando no salão de festas na Harmonia-Lyra, todo iluminado de cintilantes luzes e enfeitado de flores primaveris,

deu-se início à apresentação das debutantes, elas surgiram belas e fascinantes, ainda que com uma lágrima furtiva deslizando mansamente pelas faces coradas”.

Mesmo sem anotar nada, as descrições de Luciene da época.

Material para a coluna não faltava. Os bailes faziam parte da rotina da moçada e eram realizados nos salões da Harmonia-Lyra, no Club Joinville, na Sociedade Ginástica, na Liga das Sociedades. “Tinha muitos bailes. Todo final de semana acontecia alguma coisa. A Harmonia-Lyra reunia a alta sociedade”, recorda Lucinda.

### **Clube da Lady em Joinville**

Nos anos 60, as damas da sociedade local se reuniram e criaram o Clube da Lady em Joinville, a exemplo do que já existia em Florianópolis. Nos textos de “Luciene” aparece a reunião para formar o grupo, a sua finalidade e a primeira diretoria. “Graças à simpatia e cordialidade das damas de nossa high society, fama que ultrapassando fronteiras levou seus nomes às cidades circunvizinhas, fomos nós, da sociedade joinvilense, por recomendação das distintas damas de Florianópolis, escolhidas para possuímos também o Clube da Lady, essa associação de ideais maiúsculos, que através da beleza de seus movimentos visa o auxílio dos menos favorecidos”, explicava. Informava ainda a primeira diretoria: “Ficou constituída assim a 1ª diretoria: presidente: Carmen da Fonseca Lobo; 1ª vice-presidente: Jacy Lobo; 2ª vice-presidente: Zilka Cubas; 3ª vice-presidente: Lady Doria; 1ª secretária: Florinda Kasting; 2ª secretária: Maria Krause; 1ª tesoureira: Regina Zimath; 2ª tesoureira: Edla Jordan; departamento de Imprensa e Propaganda: Fraya S. Vieira, Juracy Brosig, Lucinda Boehm”.

Para participar, explicava a colunista, era “simplicíssimo”: “Basta fazer uma assinatura de “Lady”, revista de requinte e atualizada em todos os sentidos, com seções de moda, culinária, arte e conhecimentos gerais, e automaticamente, você será uma sócia do Clube da Lady. O que é, sem dúvida, um passo vitorioso em sua vida. Porque ser Lady é unir o útil ao agradável”, convidava.

Pela coluna de “Luciene” passavam entidades e eventos conhecidos na cidade. No início dos anos 60, ela podia descrever tanto um baile na Liga quanto a inauguração das obras na Sociedade Ginástica: “No ambiente esplendente de luzes da Liga de Sociedades, onde a expectativa pairava no ar e se fazia sentir nos mínimos gestos, aconteceu o Baile de Gala, organizado por esse exemplar educandário, que tanto tem feito por Joinville, que é o Colégio Bom Jesus”.

Sobre a inauguração de obras na Sociedade Ginástica, a colunista não economizou elogios ao então prefeito Helmut Fallgatter, que esteve à frente do Executivo municipal de 1961 a 1966. “Quem viu o Ginástico de ontem e quem vê o de hoje, sem grandes reflexões há de reconhecer que foi necessária uma vontade férrea e um cérebro pensante pleno de administração e organização para iniciar e concluir essa obra grandiosa, esse sonho maciço de pedra e concreto, orgulho para uma terra de príncipes. (...) E desde o início até o final foi o senhor Helmut Fallgatter o responsável pela concretização desse empreendimento”.

Falava ainda de eventos que ainda hoje são notícia em Joinville, como a Festa das Flores. Na gestão de Baltasar Buschle, entre 1958 e 1961, a colunista informava: “Depois das controvérsias entre a EFA e a Ajao, havia uma certa dúvida sobre a exposição de flores e artes; o que não deixou de ser apreensão sem fundamento, pois ela aconteceu com o brilho revolucionário de sempre, sensibilizando, pela arte que encerra em seus mínimos detalhes, a quantos a visitaram”.

## LUCINDA CLARITA BOEHM

A acadêmica fundadora Lucinda Boehm possui graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba(1967), graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Joinville SC (1971), especialização em Inglês e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1981), especialização em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), mestrado em Letras - Área de Concentração Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (1987) e doutorado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002). Tornou-se, também, Professora Titular da Universidade da Região de Joinville – Univille.



Paulo R. Silva, Lucinda Boehm, Irmã Clea, Carlos Aduato Vieira e João Carlos Vieira, na reunião de reativação da AJL, em 14/10/2013.

Segundo consta dos Estatutos da AJL, foram 14 os sócios-fundadores da mesma, em 15 de novembro de 1969:

- Lucinda Clarita Boehm
- Carlos Adauto Vieira;
- João Carlos Vieira;
- Hilmar Gastão de Carvalho;
- Alcides Buss

E os saudosos

- Adolfo Bernardo Schneider
- Carlos Gomes de Oliveira
- José Acácio Soares Moreira Filho
- Iraci Schmidlin
- Moacir Gomes de Oliveira;
- Mario Tavares da Cunha Mello
- Hans Bachl;
- Augusto Silvio Prodöhl
- Josette Maria Schwoelk Fontán

Josette é a primeira dentre estes ilustres predecessores que ganha hoje as páginas de HEKADEMIA, através de sua poesia, fazendo jus a seu título de Imortal.

# DINOSSAURA

Lucinda Boehm



Ela chamava-se *Dinossaura*, homenagem de sua mãe, dedicada estudiosa da história dos dinossauros, grandiosos na sua estrutura física, por ela amados e admirados. Dinossaura passou a vida carregando o nome desses animais.

Ela cresceu, estudou, profissionalizou-se, sempre cercada de amigos, apesar do nome. Com o desenvolvimento da tecnologia, enquanto os outros avançavam no tempo, não viviam sem a tecnologia, Dinossaura parou.

Os amigos formaram grupos de WhatsApp e, sob a administração de um deles, não usavam mais o antigo telefone fixo para se comunicarem. Era só WhatsApp para cá e para lá, para contar as novidades, nos mínimos detalhes, ou não contar

nada: só “Oi, estou saindo agora”; “o tempo está feio”; “vai chover”; “fiz um bolo delicioso”.

Dinossaura, no seu papel de dinossaura, aquela que ficou no passado por não ser muito amiga da tecnologia, continuou a usar o telefone e assim ficava por fora de muitos assuntos. Os colegas aposentaram o telefone fixo, muitos até se desfizeram do antiquado aparelho; esqueciam-se dela.

Dinossaura, firme no seu posicionamento de dinossaura; e, apesar de permanecer quase isolada de seus amigos, comunicou-lhes a sua decisão de continuar usando o telefone fixo. Celular... só de vez em quando lembrava-se de carregar o aparelho.

Pouco a pouco, Dinossaura foi ficando mais distante de seus amigos. E se sentia muito sozinha. Enfim criou juízo; não adiantava lutar contra a humanidade e a tecnologia. Resolveu procurar ajuda e a primeira vez que fez uma ligação pelo celular foi uma festa.

Logo passou a usar também o WhatsApp. O Face foi mais difícil, mas logo passou a fazer *selfies*; já não queria mais ficar para trás. Desafiou-se, deixou de ser teimosa, perdeu o medo, deixou de ser dinossaura. Passou a fazer parte da geração Y em termos de tecnologia e é uma das novas doidinhas que não conseguem deixar o celular.

Começou a sentir a nuca doer de tanto mexer no aparelho, manda WhatsApp durante rodo o dia, tira *selfies* constantemente e está feliz da vida; os seus amigos se comunicam com frequência e ela responde de imediato. *Ela está fazendo parte da humanidade!*

Pequeno excerto da tese de doutorado em direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - **UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO JURÍDICO: OS SENTIDOS IMPLÍCITOS NA LINGUAGEM DOS LIVROS DIDÁTICOS DE INTRODUÇÃO AO DIREITO**. *Íntegra em PDF, 312 páginas, em*  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84301/189674.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

## **2.4 - ENFOQUES FILOSÓFICOS SOBRE O FENÔMENO JURÍDICO**

LUCINDA BOEHM

Ao definir o fenômeno jurídico, Ferraz Júnior<sup>173</sup> baseou-se na monografia de Sebastião Cruz, que iniciou os seus estudos buscando a origem da palavra direito. Neste trabalho será seguido esse procedimento.

Na Antiguidade Clássica, na Grécia e em Roma, termos como *derectum* ou *directum* e *jus* já eram utilizados e referiam-se aos direitos de cada qual. As duas palavras continham a ideia de equilíbrio, simbolizando a balança, instrumento utilizado nas práticas comerciais para medir a equivalência entre os produtos financeiros e a compensação pecuniária. Mas a palavra encerrava também um significado conotativo. Expressava o desejo de instaurar na vida social um tratamento igualitário, acolhendo as crenças, a cultura e o pensamento dos poderes constituídos no sentido de uma postura justa e equilibrada para todos.

Nesse período o poder de dizer solenemente o direito ou materializar o que era justo competia às deusas: *Diké*, na Grécia e *Justitia*, em Roma. A representação simbólica desse procedimento apresenta variações. Nas palavras de Ferraz Júnior<sup>174</sup>, os gregos colocavam esta balança, com os dois pratos, mas sem o fiel no meio, na mão esquerda da deusa *Diké*, filha de Zeus e Themis, em cuja mão direita estava uma espada e que, estando em pé e tendo os olhos bem abertos, dizia<sup>91</sup> (declarava solenemente) existir o justo quando os pratos estavam em equilíbrio.

Entre os romanos, a deusa Justitia, de pé, segurava a balança com as duas mãos, tinha os olhos vendados e declarava o justo quando o fiel estava completamente reto.

Já então as palavras não eram consideradas meros sinais sonoros ou visuais que serviam como instrumentos para a comunicação: elas acolhiam os fatos extralinguísticos que refletiam o pensamento da sociedade: o aspecto informativo era apenas uma de suas funções, talvez a mais conhecida. As diferenças apresentadas pelas deusas indicam significados distintos.

A deusa Diké tinha os olhos abertos, simbolizando o saber puro e verdadeiro; entendia-se que só pela visão poder-se-ia chegar ao conhecimento.

A deusa Justitia tinha os olhos vendados para julgar com imparcialidade; concentrava-se mais na audição, no ouvir, nas opiniões; o direito era visto mais como um agir com prudência; equilibrando o conhecimento e a prática, assentava na importância da oralidade, da fala.

Continuando a sua explanação, Ferraz Júnior<sup>175</sup> diz que o fato de a deusa Diké empunhar uma espada mostra que os gregos “aliavam o conhecer o direito à força para executá-lo (*indicare*), donde a necessidade da espada”.

Os romanos estavam mais preocupados com o exercício da justiça, o que exigia uma atitude firme e em consequência a deusa segurava a balança com as duas mãos, sem necessidade da espada. Isso explica porque para o exercício das atividades de jurista privilegiava-se a prudência. Com o tempo a expressão *jus deu* lugar ao termo *derectum*, por estar mais próxima do sentido que se queria expressar.

## RAQUEL S. THIAGO



Joinvilense, a historiadora e acadêmica Raquel S.Thiago é autora de *Coronelismo Urbano em Joinville* [1988]; *Fourier, Utopia e Esperança na Península do Saí* [1995]; *Eu Wittich Freitag*[2001; *Joinville - os Pioneiros*[ 2v. em co-autoria com Thereza Böbel [2001 e 2006]; *Lar Abdon Batista, 100 anos de história* [2011]; *São Francisco do Sul – Memória e História –*

*Anotações de Manoel Deodoro de Carvalho, org* [2014] além de capítulos em livros, artigos em revistas acadêmicas e na imprensa catarinense.

Apresentou no Canal 20 de televisão (Joinville), em 2000, o programa *Tempos de Joinville*, entrevistando pesquisadores que escreveram sobre a história da cidade, dando origem à obra impressa do mesmo nome lançada em 2008.

Foi Diretora do Arquivo Histórico de Joinville [1986-1989], Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão na então FUR [1990-1993] onde lecionou nos Cursos de História e Ciências Econômicas durante 34 anos e exerceu as funções de Diretora de Cultura da Fundação Cultural de Joinville [1994-1996]. É sócia honorária da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul.

Possui mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1981). Atualmente está aposentada da Univille, onde foi professor titular de Formação Econômica do Brasil e História de Santa Catarina . Continua pesquisando na área de História, História de Santa Catarina, História Regional , atuando principalmente nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização

## RASCUNHOS NA CIDADE

*O que vamos ler a seguir são trechos de transcrições de um vídeo pertencente à série RASCUNHOS NA CIDADE, feitos pelo colega acadêmico Jura Arruda em 2014, na qual entrevista 12 escritores de Joinville e região. A Entrevista com Raquel S. Thiago pode ser assistida na íntegra no You Tube, no endereço:*

<https://www.youtube.com/watch?v=ZVqYxLurC7k>

## HISTÓRIA E ROMANCE HISTÓRICO

A história é outra coisa. A história é buscar os fundamentos teóricos e é uma *interpretação* da realidade. Então, no momento em que você vai fazer essa interpretação, você precisa conhecer muita coisa. Você precisa ler muito para interpretar essa realidade. E nem sempre a gente interpreta da forma que os outros aceitem. Por isso é que a história é difícil, porque eu posso interpretar de uma forma, outro pode interpretar de outra, e um terceiro de outra...

E, para me precaver dessas oposições, eu me fundamento *teoricamente*. Então... isso é ser historiadora.

A história é a interpretação do fato. O fato em si não é história. Mas a história não vive sem o fato. Deve ser uma tentação para quem tem queda para a literatura.

Eu gostaria muito – já tentei – fazer literatura histórica. Isso não é proibido. Já li romances históricos que eu adorei.

Às vezes eu estou lá pesquisado uma coisa e penso: Puxa, isto aqui num romance ficaria ótimo! Dá uma tentação. Mas desde que você diga que aquilo é um romance histórico e que há uma certa licença científica para você poder deturpar, alterar, que aquilo não é exatamente história.

## COLONIZAÇÃO

Nenhuma colonização é um conto de fadas. A colonização da Colônia Dona Francisca foi importante, foi necessária e foi muito bem-sucedida. Ela foi a realização de uma empresa particular capitalista, não foi uma iniciativa do governo; ao passo que a maioria das colonizações, aqui em Santa Catarina, foram iniciativas do governo.

A nossa colonização foi uma iniciativa particular, houve muita dificuldade financeira, mas eu acho que foi um empreendimento vitorioso.

Agora, realmente não foi um conto de fadas. Até existe aí uma vertente, sobre a qual eu já escrevi em jornal. Os europeus, mesmo aqueles mais simples,

aqueles que vinham do campo, estavam acostumados com a realeza. Não existia república.

A república a democracia republicana, começou a aparecer na Europa bem quando eles vieram para cá. Então eles estavam habituados com as figuras do rei e da rainha. Tinham aquele mito do paizinho e da mãezinha. Tinham uma crença muito forte que as pessoas que estavam no poder tinham o direito divino de governar.

Aceitavam que aquelas pessoas tinham sido mandadas por Deus para governar. Assim, o colono, ao chegar aqui, custa muito a se desprender das figuras do rei e da rainha. E começa, por aqui, a se criar mitos por causa disso. Inclusive o palácio dos príncipes é um mito muito forte. Ele foi construído para ser a casa do procurador do príncipe de Joinville, o francês Louis François Léonce Aubé, talvez hospedasse os príncipes, se eles um dia viessem. E alimentou-se esse mito, que um dia o rei viria...

Quer dizer, há um pouquinho de conto de fada, com um pezinho nesse mito do rei e da rainha.

## CONFLITO E ESCRAVIDÃO

E outra coisa: a história não se faz sem conflito. Porque é o conflito que toca a história para a frente. A história é mudança. História que não for mudança, não é história, ela está ali engessada.

Veja um cemitério, por exemplo. Ali não tem mais história, ali não tem mais mudança, ali ficou!

Veja bem, quando vieram demarcar as terras da princesa, tiveram que demarcar em terras de São Francisco. E essas terras tinham proprietários, que eram aqueles fazendeiros descendentes de luso-brasileiros e que tinham sistema escravista.

E aí vem outra questão: Havia as fazendas dos portugueses e seus descendentes, o sistema português colonial era escravista. Mas, quando a colônia veio para cá, a escravidão de negros ali foi proibida.

Nas terras onde ficaram os colonos, não houve escravidão. Mas isso não quer dizer que ali no Bucarein (*bairro de Joinville*), na fazenda do Coronel Vieira (*fazendeiro que chegou em Joinville em 1826, ao passo que os colonos só chegaram a partir de 1851*), não houvesse escravo, porque ali não era território da colônia, era território brasileiro nas mãos de um senhor escravista.

A demarcação da colônia, que foi feita por Jerônimo Coelho (*tenente-coronel do Corpo Imperial de Engenheiros*), foi contornando essas propriedades dos fazendeiros. No pé da Serra Dona Francisca, por exemplo, havia a propriedade de João Gomes de Oliveira, que tinha escravos.

Mas apesar dessa vizinhança escravista, não houve escravidão na Colônia Dona Francisca.

Foram tempos difíceis, de apreensão e de desorganização da agricultura familiar praticada pelos colonos. Não havia cavalos para o transporte de mercadorias e para os trabalhos na roça (*o que a mão-de-obra escrava teria resolvido facilmente*).

O convívio ocasional com os negros escravos era bom. Há inclusive o caso de Antonio Nero, um escravo que ajudou a salvar muita gente da colônia, por causa de uma epidemia que grassou quando da chegada de navio. Os colonos ficaram extremamente agradecidos a ele, prestaram-lhe uma grande homenagem e compraram a liberdade de Antonio Nero a seu proprietário, fazendo-o forro.

Havia inclusive famílias que adotavam filhos de índios ou filhos de negros. Até há um caso muito engraçado. Em Pirabeiraba, um casal alemão criava um negrinho pequeno. Chegou o coletor de impostos e bateu à porta

da casa. O menino atendeu. O homem perguntou: “*Tem gente em casa?*” O pretinho voltou-se para dentro e gritou, em perfeito alemão: “Papai, tem um *caboclo* aqui que quer falar com o senhor!” Imagine o susto do caboclo.

## JOSETTE MARIA SCHWOELK FONTÁN

"A poetisa que parou diante da vida"

“Dentre os membros-fundadores da Academia Joinvilense de Letras, destaca-se a figura ímpar de uma poetisa nascida em nossa cidade e que, em 1969, uniu-se ao grupo de 14 pioneiros do nosso Sodalício.

Com apenas 11 anos de idade escreveu sua primeira poesia e, em 1957, publicou "Dança das Musas", seu livro de estreia, com o qual afirmou-se como poetisa festejada. São de sua autoria também as obras "Caramujos de Vidro" e "Teogonia da Rosa".

Colaboradora constante de importantes jornais e revistas nacionais e estrangeiros, teve trabalhos seus vertidos para outros idiomas, sendo diversas vezes laureada. Pertenceu a mais de duas dezenas de agremiações culturais e científicas no país e no exterior.

Adolfo Bernardo Schneider, primeiro presidente da Academia Joinvilense, comparou seus versos aos de Tagore. Vasco Taborda, que presidiu a Academia de Letras José de Alencar, de Curitiba, reconheceu que "há lirismo suave e há simbolismo profundo em suas poesias".

Em 1975, com apenas 48 anos de idade, faleceu precocemente esta que, em entrevista ao jornal "O Estado", em 1958, foi considerada "a poetisa que parou diante da vida".

*(Pesquisa e redação por: Paulo R. da Silva, secretário-geral da AJL  
Fonte das imagens: Acervo Pessoal de Thaís Fontán / Curitiba-PR)*

Em setembro de 2015 foi empossado o acadêmico Milton Maciel, que escolheu ocupar exatamente a cadeira deixada vaga por Josette Fontán “*por ter sido mulher e poeta*”, como justificou. E que, em homenagem a ela, musicou o poema que HEKADEMEIA publica hoje – “O testamento da lua”.



## O TESTAMENTO DA LUA Josette Fontán

No luar deste momento  
Vou ditar meu testamento

Deixo a todos os poetas  
Que em mim inspiração buscaram  
As mais doces esperanças,  
O meu luar inteiro  
Minha luz – Minha saudades

A todos que durante minhas  
Noite de insônia  
Me acompanharam cantando na rua  
Deixo minha gratidão eterna de lua.

Aos namorados que além do amor  
Ainda me contemplaram

Deixo minha aliança acetinada de luar!

Mas, aos homens ingratos,  
Que em meu íntimo penetraram  
E sem piedade violaram minha serenidade  
Deixo minha mágoa sentida,  
A única dor que tive em toda a vida.

## 2ª SESSÃO ORDINÁRIA DE 2017

Dia 2 de MARÇO, às 19:00 hs, na sede da ACADEMIA, à Sociedade Harmonia Lyra, 3º. PISO

### PROGRAMA:

- I - Data da próxima sessão ordinária em Abril
- II – Apresentação e entrega do Suplemento Literário  
**HEKADEMEIA 5: Nossas Escritoras**, de março/2017
- III – Homenagem às acadêmicas, pelo Dia da Mulher
- IV – Fechamento das inscrições para o livro **ENSAIO 2**
- V – Palestra de Enéas Athanázio em 23 de março
- V – Apresentação, discussão e lançamento dos **Concursos Literários da Academia** para Ensino Fundamental e Médio
- VI – MESA REDONDA com os acadêmicos Jura Arruda, David Gonçalves e Milton Maciel. E ainda Bernadéte Costa e Donald Malschitzky, ambos da Associação das Letras.

### APOIO CULTURAL

**Jornal dos Bairros** de Joinville

Jornal do IRIRIÚ – Jornal de PIRABEIRABA

**Ari Silveira de Souza**



Jornalista Editor – DRT 0037/SC

[www.jornalbairros.com.br](http://www.jornalbairros.com.br)

Rua Erico Herhaus, 135 – Iririú

CEP 89227-490

[imprensa@jornalbairros.com.br](mailto:imprensa@jornalbairros.com.br)

Fone 3025-4832